

28 JUL 1989

POLÍTICA

CORREIO BRAZILIENSE

Sarney reafirma que vai revidar ataques

Bom Jesus da Lapa — “A injustiça dói tanto, e eu não quero deixar que nenhuma injustiça agora pese sobre o Presidente e passe com foro de verdade”. A afirmação foi feita ontem pelo presidente Sarney, em discurso no interior da Bahia, depois de inaugurar a fase inicial do Projeto Formoso, de irrigação. Ele pediu, ao povo baiano que relevasse “esse pouco de exaltação”, mas queria rebater as inverdades noticiadas sobre retaliações do Governo Federal à Bahia.

A exemplo do que fez em Sergipe, há pouco mais de um mês, o presidente Sarney, num longo discurso de 43 minutos, enumerou uma a uma todas as obras no estado que tiveram participação da União nesses seus quatro anos de administração. “Prova inconteste”, segundo ele, de que fez tudo que estava nas possibilidades governamentais para atender as reivindicações da Bahia. Citou desde os programas de irrigação às obras de adutoras, melhoramentos na hidrelétrica de Itaparica e programas assistenciais, tanto de saúde, escolas e transportes, como de financiamento da dívida pública do estado.

A não-discriminação para com a Bahia já fora ressaltada momentos antes, também em discurso, pelo governador baiano, Nilo Coelho. Ele reconheceu no presidente Sarney “um homem preocupado com os destinos nossa gente”. Tanto assim, acrescentou, que no Projeto Formo-

so “se fincam as raízes de uma grande obra — pela primeira vez — para o desenvolvimento regional”.

O presidente Sarney revelou que estava “reconformado” em constatar que em seu governo a democracia se consolidou, prosperou e produziu frutos. “Eis o principal legado que deixo de minha gestão: democracia, liberdade, justiça social e resgate de cidadania. Todos esses são valores que saíram da retórica para se tornarem a prática cotidiana. Valores que são a essência do processo civilizatório e a base sobre a qual serão construídas as grandes nações modernas”.

Por tudo isso, reafirmou: “Cumpro com o meu dever”.

O Presidente também aproveitou para criticar aqueles que se dizem desesperançados com o Brasil, estão tristes e querem deixar o País — conforme lhe foi questionado recentemente em programa de televisão. Nesse ponto, ele ressaltou que sente dois Brasis: “Um, dos nervosos, mais ricos, que querem tudo na mesma hora; são os que mais reclamam, mais exigem e são mais impacientes. E o outro o Brasil dos mais pobres; que têm mais paciência e esperança; sabem o que é a vida e têm mais confiança no futuro”. Este sim — adiantou — é o Brasil que tem esperança. Citou como exemplo o colono que ele visitou ontem, Jason Alves Barbosa, que lhe disse estar ali “trabalhando pelo Brasil”.

O Presidente, com Nilo Coelho é um peão, viu a área irrigada

Presidente vai à Índia e Equador, mas cancela ONU

No final de setembro, o presidente José Sarney embarca para Nova Délhi, para uma visita à Índia, em retribuição à que a ex-primeira ministra Indira Ghandi fez ao Brasil, durante o governo do ex-presidente Ernesto Geisel. Antes, porém, o Presidente segue para o Equador, para realizar visita oficial acertada desde o início de seu Governo.

No Palácio do Planalto circulou durante algum tempo a versão de que o Presidente havia cancelado a viagem programada a Nova Delhi. Mas, segundo uma fonte credenciada do Governo, “o cancelamento nunca foi cogitado e a demora em fixar a data resultou apenas, de necessidade de conciliar a agenda do Presidente”.

FORA DA ONU

Durante a visita que fez no início

do mês a Paris, o presidente Sarney teve uma conversa de 40 minutos com o primeiro-ministro da Índia, Rajiv Ghandi. Nesta ocasião, o primeiro-ministro indiano cobrou de Sarney a visita que havia acertado a seu país, em retribuição à que Indira Ghandi havia feito ao Brasil e o Presidente acertou que na segunda quinzena de setembro desembarcaria em Nova Délhi.

Já em relação à viagem a Nova Iorque, programada para setembro, quando o Presidente participaria — pela terceira vez — da Assembléia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), a tendência de Sarney é cancelá-la, em face da insensibilidade que os Estados Unidos vêm demonstrando aos problemas brasileiros. Em seu lugar, deverá se apresentar o ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré.